



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS – LICENCIATURA PLENA**

MARIA TAYNAN MENEZES DE PONTES

**ENTRE O POEMA “UM SALMO DE VIDA” E O ECLESIASTES BÍBLICO: UMA
LEITURA COMPARATIVA E DIALÓGICA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

MARIA TAYNAN MENEZES DE PONTES

**ENTRE O POEMA “UM SALMO DE VIDA” E O ECLESIASTES BÍBLICO: UMA
LEITURA COMPARATIVA E DIALÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Letras - Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Giovane Alves de Souza.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P813e Pontes, Maria Taynan Menezes de.
Entre o poema "Um salmo de vida" e o Eclesiastes bíblico [manuscrito] : uma leitura comparativa e dialógica / Maria Taynan Menezes de Pontes. - 2022.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Prof. Me. Giovane Alves de Souza , Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Intertextualidade. 2. Análise comparativa. 3. Dialogismo.
4. Poema . 5. Texto bíblico. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARIA TAYNAN MENEZES DE PONTES

ENTRE O POEMA “UM SALMO DE VIDA” E O *ECLESIASTES* BÍBLICO: UMA LEITURA
COMPARATIVA E DIALÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras – habilitação
em Língua Inglesa, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
graduado em Licenciatura em Língua
Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 21/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



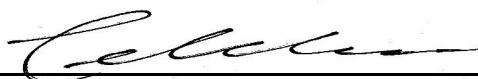
Prof. Me. Giovane Alves de Souza (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,5



Profa. Ma. Carolinne Taveira de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,5



Prof. Me. Celso José de Lima Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,5

MÉDIA: 9,5

A Deus, porque me livrou da angústia e os meus olhos viram cumprido o meu desejo. Também à minha família, meus amigos, meu orientador e professores por terem me dado todo o apoio necessário para que eu chegasse aqui.
Aos meus avós (*In Memoriam*).

*“Pó és e pó voltarás a ser, não foram
palavras ditas à alma”*

(Longfellow)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS:	7
2.1	Do dialogismo	8
2.1.2	Bíblia e Literatura	10
3	ENTRE O POEMA “UM SALMO DE VIDA” E O <i>ECLESIASTES</i> BÍBLICO ..	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	16

ENTRE O POEMA “UM SALMO DE VIDA” E O ECLESIASTES BÍBLICO: UMA LEITURA COMPARATIVA E DIALÓGICA

BETWEEN THE POEM “A PSALM OF LIFE” AND THE BIBLICAL ECCLESIASTES: A COMPARATIVE AND DIALOGICAL READING

Maria Taynan^{1*}

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise comparativa do poema “Um Salmo de Vida” do autor norte-americano Henry Wadsworth Longfellow, com o livro de *Eclesiastes* da Bíblia. Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho foi organizado da seguinte maneira: discussão sobre a natureza dialógica dos textos; em seguida, apresentação de algumas características literárias da Bíblia e, então, traçamos um paralelo entre os Salmos bíblicos e o salmo de Longfellow. Por conseguinte, é realizada uma análise comparativa entre o poema em questão e o *Eclesiastes* Bíblico. Para fundamentar este estudo, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, de abordagem qualitativa, baseando-se nas concepções de dialogismo por Bakhtin (1981), como também nos estudos sobre a Bíblia, enquanto literatura por Magalhães (2008) e Silva (2016), a fim de traçar a relação entre o poema e o livro bíblico. Baseado nos estudos da intertextualidade, este estudo permitiu identificar o poema “Um Salmo de Vida” como uma possível resposta aos ensinamentos do livro de *Eclesiastes*, primeiramente porque o salmo de Longfellow rejeita que a vida é apenas um sonho vazio, que é importante agir no presente, ser influente e memorável, ao passo que o narrador Bíblico mostra-se mais preocupado com o dia do julgamento (após a morte) pregado pelo cristianismo, além disso, a frase mais corrente do livro de *Eclesiastes* é: “ vaidade de vaidades, tudo é vaidade”.

Palavras-chave: Intertextualidade. Análise comparativa. Dialogismo. Poema. Texto Bíblico.

ABSTRACT

The present work aims to present a comparative analysis of the poem “A Psalm of Life” by the American author, Henry Wadsworth Longfellow, and the book of *Ecclesiastes* from the Bible. To achieve the proposed objective, this work was organized as follows: firstly, we discussed the dialogic nature of texts; next, we present some literary characteristics of the Bible, then we draw a parallel between the biblical Psalms and the psalm of Longfellow. Therefore, a comparative analysis is carried out between the poem in question and the Biblical *Ecclesiastes*. To support this study, an exploratory bibliographic research with a qualitative approach was developed, based on the conceptions of dialogism, by Bakhtin (1981), as well as on studies on the bible as literature by Magalhães (2008) and Silva (2016), the in order to trace the relationship between the poem and the biblical book. Based on intertextuality studies, this study allowed us to identify the poem “A Psalm of Life” as a possible response to the

^{1*} Graduanda em Licenciatura em Letras-Inglês, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: taynamenezes@gmail.com

teachings of the book of *Ecclesiastes*, firstly because the Longfellow's psalm rejects that life is just an empty dream, that it is important to act in the present, to be influential and memorable, while the Biblical narrator is more concerned with the day of judgment (after death) preached by Christianity, moreover, the most common phrase in the book of *Ecclesiastes* is; "vanity of vanities, everything is vanity".

Keywords: Intertextuality. Compative Anlysis. Dialogism. Poem. Biblical text.

1 INTRODUÇÃO

Ao ler o poema "Um salmo de vida", de Longfellow, não é difícil de se notar as referências bíblicas que o autor faz ao longo do texto, como, por exemplo, o título do seu poema, ao utilizar-se do termo "salmo" que é muito comum no contexto bíblico e religioso. Além disso, o desenrolar de seu poema é, de forma simbólica, o coração de um jovem refutando os ensinamentos do salmista, isto é, o escritor bíblico. Esse processo de identificação de textos dentro de um texto, hoje conhecido como intertextualidade, foi, inicialmente, desbravado por Bakhtin. Para ele, os textos são vozes que ganham vida ao cruzar outros textos e estes são cheios de significado e ideologias, podendo ganhar diferentes interpretações e significados a partir de outras leituras e contextos (BAKHTIN, 1981, p. 162).

Contudo, ao nos referirmos à *Bíblia Sagrada* enquanto texto literário e dialógico, nos deparamos com alguns obstáculos pois, tradicionalmente, a *Bíblia* tem sido estudada em seus diversos aspectos a fim de comprovar a sua veracidade, e, em menor proporção, seus aspectos literários. Dessa forma, ao decorrer desta pesquisa apresentaremos algumas discussões em relação ao estudo da Bíblia enquanto literatura, visto que estamos lidando com um livro que por muitos séculos foi lido apenas como a verdade e revelação divina. Mas, compreendemos que através da análise literária encontramos uma imensidade de significados no texto, por isso a explanação dos textos bíblicos no campo literário jamais irá abrandar a sua condição de texto religioso, ao contrário disso, irá trazer uma compreensão mais profunda de seus escritos.

Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar uma análise comparativa do poema "Um Salmo de Vida", de Longfellow, com o livro de *Ecclesiastes* da Bíblia Sagrada. Então, para fundamentar o nosso estudo, desenvolvemos uma pesquisa de caráter exploratório, visto que buscamos uma nova visão do poema do escritor Longfellow sob uma perspectiva dialógica. Esta é então uma pesquisa bibliográfica, pois como defende Gil (2010, p. 44), as pesquisas bibliográficas são aquelas que buscam uma nova análise do objeto sob teorias e pesquisas anteriores, sendo assim de abordagem qualitativa baseando-se nas concepções de dialogismo por Bakhtin (1981), como também nos estudos sobre a Bíblia enquanto literatura por Magalhães (2008) e Silva (2016), a fim de traçar a relação entre o poema e o livro bíblico. E, para alcançar o objetivo proposto, este trabalho foi organizado da seguinte maneira: primeiramente discutimos sobre a natureza dialógica dos textos; em seguida, apresentamos algumas características literárias da Bíblia e, então, traçamos um paralelo entre os Salmos bíblicos e o salmo de Longfellow. Por conseguinte, é realizada uma análise comparativa entre o poema em questão e o *Ecclesiastes* bíblico, para isto, utilizamos a Bíblia na versão Almeida Revista e atualizada.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS:

2.1 Do dialogismo

A fim de analisar os textos como a intersecção de muitos diálogos, é necessário, em primeiro lugar, expor como esse pensamento foi desenvolvido. Primeiramente, essa ideia surge a partir de oposições à delimitação do objeto de estudo da linguística, traçada pelos seus precursores. Os pioneiros linguistas ocupavam-se em estudar a língua em sua forma, não se preocupando com os seus interlocutores, por essa razão são conhecidos até hoje como estruturalistas. Saussure (1916, p. 271 *apud* FARACO, 2005), um grande nome da linguística estrutural, afirmava que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”, ou seja, embora ele reconhecesse que a língua seja um fato social, a estudava dissociadamente de seus falantes, desconsiderando as suas vivências, culturas e relações sociais, como se a linguagem viesse antes destas. Concernente a isto, Faraco (2005) argumenta que “não parece adequado tratar a língua como uma realidade autônoma, imune à história de seus falantes” (p. 61) e é nesse mesmo viés que Bakhtin se contrapõe ao pensamento estruturalista, levando em conta os falantes e suas relações sociais.

Assim sendo, em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin refuta a forma como os estruturalistas analisavam as mudanças linguísticas, conseqüentemente, é cunhado o termo dialogismo que continua sendo discutido e usado como base para pesquisas até este tempo. Isto porque o estruturalismo defende que as mudanças no sistema linguístico se dão por questões fisiológicas, enquanto Bakhtin argumenta que essas mudanças ocorrem por razões sociais, e diz que:

A unidade real da língua que é realizada na fala não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo (BAKHTIN, 1981, p.149).

Dessa forma, compreendemos que embora seja mais seguro permanecer na zona de conforto e estudar a língua enquanto monólogo, distanciando-a de seus falantes e contextos histórico-sociais, é necessário que a linguística explore a linguagem como diálogo, visto que a comunicação tem sido desde sempre a sua essência. Dessa forma, Bakhtin busca estudar o homem através do discurso, que para ele é um construto social, cheio de significado e ideologia, como explica Gerald:

Inspirado em Bakhtin, entende-se que o sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, sua consciência e seu conhecimento do mundo resultam como 'produto inacabado' deste mesmo processo no qual o sujeito internaliza a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas um trabalho social e histórico seu e dos outros e para os outros e com os outros que ela se constitui. Isto implica que não há um sujeito dado, pronto, que entra em interação, mas um sujeito se complementando e se construindo nas suas falas e nas falas dos outros (GERALDI, 1996, p.19 *apud* GESUELI, 2008).

Então, o interesse de Bakhtin vai além da observação das diferenças de pronúncia e vocabulário por questões regionais, para ele, as pessoas são constituídas na linguagem ao expressar através de palavras, símbolos ou gestos, o que pensam baseado em discursos precedentes. É indispensável falar sobre dialogismo e não citar Bakhtin, já que ele assevera que o diálogo transcende a conversação síncrona,

tomando parte em toda forma de comunicação verbal, inclusive os textos escritos que, segundo ele “é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN, 1981, p. 118). Ou seja, o texto é um lugar onde ideias são registradas para serem discutidas, respondidas e até mesmo contrariadas.

Bazerman (2005, p. 92), ao discutir sobre o dialogismo em Bakhtin, afirma que “quando lemos, utilizamos o conhecimento e a experiência de textos que havíamos lido antes para construirmos os sentidos do novo texto e, enquanto leitores, observamos os textos que o escritor invoca direta e indiretamente”. É dessa forma que analisaremos o texto bíblico invocado por Longfellow, em seu poema, pois, sabemos que os autores norte-americanos do século XIX foram muito influenciados pela literatura bíblica. Assim, podemos observar citações bíblicas que dialogam com o poema de Longfellow, a começar pelo título, *Um salmo de vida*, visto que o termo *salmo* é utilizado na Bíblia para referir-se a louvores ao Deus de Israel. Além disso, o autor faz alusão à criação da humanidade no contexto bíblico na linha 8 do seu poema: “Pó és e pó voltarás a ser não foram palavras ditas à alma”, esse verso remete não só a passagem de Gênesis 3, 19, “porquanto és pó e em pó te tornarás”, mas também a outros trechos do Antigo Testamento: “e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus que o deu” (Ec 12, 7), encontrada no livro de Eclesiastes que estaremos discutindo no decorrer deste trabalho. Em vista disso, percebemos que há o diálogo já implícito no texto em que o autor escreve a partir de suas experiências e leituras anteriores e há também o diálogo entre o leitor e o texto, o qual é interpretado de acordo com os seus interesses e fundamentos. Sendo assim,

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos. Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisa (BAKHTIN, 1981, p. 162).

Como podemos ver, o texto não pode ser bem interpretado se reduzido a códigos vazios, registrados para serem decodificados, analisando apenas a sua estrutura e semântica, ao contrário disso, os textos são cheios de ideologia e são interpretados de acordo com a vivência do leitor e seu conhecimento de mundo que determinará se ele será capaz ou não de identificar citações e alusões expostas nos mesmos.

Assim, a partir da concepção de linguagem dialógica definida por Bakhtin, surgiram discussões que posteriormente levaram a noção de dialogismo a ser conhecida como “intertextualidade”, pois mesmo que Bakhtin não utilize esse termo, ao estudar as suas obras subentende-se que todo texto é um intertexto. Tal pensamento ganha fama através das leituras de Júlia Kristeva em Bakhtin, ela afirma que “todo texto constrói-se como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (1967 *apud* FIORIN, 2010), concordando com Bakhtin, pois, para ambos tudo gira em torno da linguagem, linguagem esta não monológica, mas sim o diálogo entre discursos. No entanto, Fiorin (2010) explica que Kristeva associa “discurso” em Bakhtin ao texto e suas relações dialógicas para produção de sentido, resultando na sua concepção de intertextualidade, e nomeia a relação dialógica entre enunciados como “interdiscursividade”.

Dessa forma, constatamos que o sentido do texto é dado de diversas formas, dependendo das ideologias e carga de conhecimento de quem o lê. A interpretação

por sua vez, é um processo dialógico onde os muitos discursos que formam o leitor dialogam com o novo discurso/texto e assim gera não apenas sentido, como também uma reação, pois, este encontro de discursos ideológicos pode se complementar ou causar repulsa, ser uma resposta ao que o leitor busca ou contradizê-lo e assim por diante. Desse modo, ao decorrer desta pesquisa estaremos apresentando os pontos em que o poema de Longfellow e o Eclesiastes bíblico dialogam entre si. Para tanto, iremos antes apresentar algumas discussões sobre os estudos da Bíblia no âmbito da literatura.

2.1.2 Bíblia e Literatura

Temos dito que o texto é a intersecção de muitos diálogos, no entanto, quando nos referimos à Bíblia sagrada nos deparamos com alguns obstáculos ao tratar da intertextualidade deste livro com os demais. Isso porque a Bíblia é tida como base das religiões monoteístas que defendem que este livro foi escrito por inspiração divina. Além disso, acredita-se que o texto bíblico representa a verdade absoluta, como comenta Gabel e Weeler (2003):

[...] Supomos que a sua obra seja literatura, sem necessidade de demonstrá-lo. Mas, historicamente muitas suposições diferentes têm sido aplicadas à Bíblia e ainda vigem em muitos círculos. Para milhões de pessoas, ela foi e ainda é o livro. Em muitos lares, ela era o único livro, exibido como um bem precioso - supunha-se que a sua mera presença física tivesse algum poder benéfico (GABEL E WEELER, 2003, p. 19).

Como podemos ver, essas crenças acima citadas, perduram até hoje sendo um dos principais obstáculos para que a Bíblia não seja compreendida no campo literário, pois como este livro tem sido desde sempre coberto por uma sacralidade inquestionável, tratá-la como uma obra literária como tantas outras, inicialmente, pode causar um grande desconforto, porém, as teorias literárias cooperam para uma compreensão mais clara do texto bíblico. Concernente a isso, Antônio Magalhães (2008) comenta que:

Os obstáculos não residem nas interdiscursividades e intertextualidades entre o texto bíblico e muitos textos da literatura ocidental, mas residem nos domínios ideológicos sobre o saber, em hermenêuticas teológicas restritivas e em crítica e teoria literária carente de maior diálogo com o texto bíblico. (MAGALHÃES, 2008, p. 17-18).

Entendemos, então que, além dos defensores do livro sagrado, os obstáculos para um possível diálogo entre a literatura e a Bíblia também residem na maneira como ele é lido dentro do âmbito literário, ou seja, de forma crítica, pois as ideologias e as limitações advindas delas, podem impedir que haja uma construção discursiva rica e vem desenvolvida do texto bíblico. É devido a tais discussões que se faz necessário justificarmos que estaremos analisando o texto bíblico como obra literária e não como texto religioso e doutrinário, apresentaremos também características da Bíblia como literatura sob percepções de estudiosos acerca do tema.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a Bíblia “é considerada obra basilar da literatura ocidental, emprestando-lhe temas, técnicas, personagens fortes, tramas sucintas, mas cheias de suspense e criatividade” (MAGALHÃES, 2008, p. 15). Assim, os diálogos das narrativas bíblicas com a literatura são notáveis, diferem-se, pois, nas descrições de cenários e personagens. Enquanto a maioria das narrações

que estamos familiarizados são detalhistas, as narrativas bíblicas são enxutas, abordando temas intensos, porém utiliza-se apenas de elementos que estejam relacionados à mensagem a ser transmitida, evitando informações secundárias capazes de desviar a atenção do leitor do principal objetivo do texto. Isto se deve ao fato de a Bíblia possuir uma linguagem de teor proclamativo. Como explica Magalhães (2008, p. 3 *apud* FRY, 2004), esta objetiva "incluir o leitor nos temas e nas opções", fazendo com que o leitor aplique as informações do texto como lições para a sua vida, espelhando-se ou não nos personagens bíblicos. Magalhães (2008, p. 3) ainda explicita outros traços literários da Bíblia, como a oscilação dos personagens e também a "progressão de dependência, interdependência e independência dos personagens humanos em relação ao divino". Contudo, tradicionalmente, a Bíblia tem sido interpretada a partir de aspectos históricos, geográficos, arqueológicos, dentre outros, em maior proporção do que sob os seus aspectos literários, os quais ressaltam a beleza do texto e são muito importantes para a interpretação bíblica, não a desmerecendo, mas pelo contrário, a enriquecendo.

Silva (2016), traça um caminho para o encontro da religião e a literatura discutindo sobre como as experiências humanas podem ser materializadas em forma de texto. Ele explica que pelo fato de os sentimentos serem abstratos e transcenderem as palavras; utilizamo-nos da metáfora para expressá-los. Ele afirma:

[...] como o ser humano apenas se compreende a si mesmo e se diz mediado pela linguagem dos símbolos, dos signos e dos textos e estes se inter-relacionam, o símbolo quer trazer à linguagem verbal este universo, mas como nunca o consegue de forma total e satisfatória por meio da linguagem habitual, corrente, encontra nas metáforas profundas a sua superfície linguística, visto que estas, para além do universo semântico, conectam-se com a dimensão simbólica (SILVA, 2016, p. 4).

Então, é dessa forma que o texto bíblico, mesmo quando defendido como inspiração divina, se encontra com a literatura, pois a escrita e a linguagem são meios de comunicação que fazem com que essa experiência com o sagrado seja, de maneira simbólica, efetivada. Isto é, a escrita, especificamente a linguagem metafórica, é o ponto de interseção entre a linha literária e a linha religiosa/teológica, pois se tratam de experiências reduzidas ao símbolo, como ainda acrescenta o estudioso:

A experiência com o sagrado, entretanto, não existe isolada do mundo, mas faz parte de um conjunto maior de experiências humanas profundas que, antes de serem trazidas à linguagem verbal, ficam codificadas no interior do ser humano, formando complexa rede, uma espécie de fundo simbólico" (SILVA, 2016, p. 4).

Assim, entendemos que os textos são dialógicos, não abrindo exceção para o texto bíblico, pois utiliza-se da mesma linguagem literária, além disso, a intertextualidade como confirma Silva (2016), acena "não só para o aprofundamento de interconexões entre arte literária e a literatura religiosa, mas também interconexão com outros diferentes textos, com diversos saberes". Não obstante, o pesquisador Magalhães (2008) também discute sobre essa estreita conexão entre a Bíblia e a literatura, pois dialogicamente falando, "a história da literatura tem páginas significativas do diálogo entre texto literário e textos bíblicos e parte da literatura é reescritura dos textos da Bíblia" (MAGALHÃES, 2008, p.17), como veremos mais adiante os trechos bíblicos invocados por Longfellow em seu poema.

3 ENTRE O POEMA “UM SALMO DE VIDA” E O *ECLESIASTES* BÍBLICO

Neste capítulo estaremos apresentando uma análise comparativa do poema “Um Salmo de Vida” com o texto bíblico com base na ideia de Bakhtin de que os textos ganham vida ao encontrar-se com outros textos, pois como veremos adiante, desde as primeiras linhas, o poema de Longfellow aparenta ser uma refutação aos ensinamentos bíblicos. Assim, para esta análise escolhemos especificamente o livro de *Eclesiastes*, onde, de acordo com Fry (2004, p. 187-188), encontra-se em maior proporção a sabedoria bíblica, juntamente porque diferentemente do poema de Longfellow, que se apresenta bastante otimista acerca da vida sob a visão de um jovem ainda inexperiente, o narrador bíblico revela-se como um homem sábio, experiente e desiludido com as coisas que acontecem debaixo do sol, e discorre, como em um diário, sobre a sua desilusão: “Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito” (Ec 1,14). Vejamos a seguir algumas características da literatura bíblica em relação ao Salmo de Longfellow.

O autor do poema a ser analisado, Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), foi o poeta americano mais conhecido de sua época e continua sendo popular no presente momento, por ter traduzidos as obras de Dante para o inglês e também por seus poemas épicos, como *Voices of the Night*, *O namoro de Miles Standish*; *Evangeline: A Tale of Acadie*, *A Canção de Hiawatha*, etc. O seu poema “Um salmo de vida” também é um de seus textos mais conhecidos e trata-se da resposta do coração do jovem ao salmista. Recusando-se a aceitar que a vida é um sonho vazio e que a morte é a sua finalidade, o eu lírico declara que, embora a cada dia a morte se aproxime, o homem deve fazer a sua trajetória valer a pena e pensar por si próprio. Por fim, adverte seus leitores a agir no presente ao invés de apegar-se ao passado que não volta mais, nem ao futuro pois é incerto.

Na Bíblia, os salmos referem-se aos cânticos dos Hebreus ao seu Deus, e utilizam-se de um estilo poético comum na poesia Hebraica chamado paralelismo. Moreira (2013, p. 81) explica que o paralelismo bíblico foi metodizado por Lowth (1753) e abrange-se em três formas:

O paralelismo sinonímico repete a ideia e, em alguns casos, a repetição se dá com compensações. O paralelismo antonímico se dá, como o próprio nome diz, em um pensamento contrastado. Já no sintético, ‘o segundo hemistíquio avança sobre o pensamento do primeiro, completando-o’ (MOREIRA, 2013, p. 81).

Como exemplo de paralelismo sinonímico na bíblia, temos, entre tantos, o seguinte verso, onde a primeira afirmação é repetida em outras palavras: “Senhor, como se têm multiplicado os meus adversários! São muitos os que se levantam contra mim” (Sl 3, 1). Já o paralelismo antitético que apresenta um contraste entre a primeira frase e a segunda, pode ser ilustrado a partir da seguinte passagem: “Se o Senhor não edifica a casa, em vão trabalham os que edificam: Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela” (Sl 127, 1). Por fim, o paralelismo sintético que diferente dos anteriores, não há repetição ou contraposição, mas a primeira frase serve de base para a frase seguinte e assim por diante, podemos usar como exemplo o verso a seguir: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti” (Sl 119, 11). Similarmente, Longfellow também faz uso de paralelismo por várias vezes ao longo de seu salmo. O paralelismo utilizado por ele é a anáfora, ferramenta esta que envolve a repetição de pelo menos uma palavra no início das orações ou

frases sucessivas a fim de intensificar sua expressão, como por exemplo na linha 6 de seu poema: “A vida é real! A vida é séria!”. Como também na linha 8: “Pó és e pó voltarás a ser”, entre outros exemplos.

Em relação à estrutura, enquanto o salmo de Longfellow consiste em nove estrofes de quatro versos, e segue esquema de rima ABAB, não temos propriedade para falar sobre a estrutura e rima dos salmos bíblicos, pois como afirma Moreira (2013, p. 86), “este é um assunto de grande controvérsia e o teórico deve ser cuidadoso, pois envolve problemas de pronúncia, a ideia de célula rítmica, a distinção entre metro e ritmo, a distinção entre diferentes tipos de regularidade, entre outros”. Dessa forma, os tradutores da Bíblia preocuparam-se mais em manter outros recursos como os paralelismos e as figuras de linguagem.

Temas como a idade adulta, sucesso econômico e a salvação, são apresentados no poema de Longfellow, o que nos lembra partes dos textos bíblicos, isto porque, de acordo com Fry (2004, p. 187-188), a Bíblia está dividida em sete fases sendo uma delas a fase da sabedoria, concentrada nos livros de *Salmos*, *Provérbios* e *Eclesiastes*. Ao passo que o livro de *Salmos* ensina que sabedoria é seguir a tradição, o livro de *Provérbios* instiga seus leitores a serem prudentes, e por fim, em maior concentração está a sabedoria no livro de *Eclesiastes*, cujo narrador deste livro apresenta-se como “sábio” ou “professor” ensinando a melhor forma de viver, a fim de que os seus leitores sigam os seus ensinamentos e sejam salvos; ora, no poema de Longfellow, o jovem também discorre sobre a efemeridade da vida, porém de forma mais otimista, passando a acreditar em si e também de forma didática encoraja o seu público a agir até alcançar seus objetivos e ser memorável pelos seus atos, ao dizer que se a vida de pessoas do passado continuam sendo grandes referências até hoje, os seus leitores também têm a mesma capacidade. Além disso, o salmo de Longfellow também busca alertar os seus leitores a pensarem autonomamente e não serem manipulados, como podemos ver nas linhas 20 e 21 de seu poema: “Não seja como um gado mudo conduzido, seja um herói na luta”, o orador mostra-se individualista, diferente dos salmos bíblicos que apresenta a humanidade dependente de Deus, comparada a ovelhas que obedecem ao seu pastor, como em um dos salmos mais populares: “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará” (Sl 23,1).

Agora, consideremos os elementos do Salmo de Longfellow que apontam para o livro de *Eclesiastes*. Leiamos então as primeiras linhas do poema “Um salmo de Vida”: “Não me diga em números tristes, a vida é apenas um sonho vazio!” (Longfellow, 1868, 1-2). Levando em conta as nossas leituras anteriores para dar sentido ao novo texto, como nos sugere Bazerman (2005, p. 92), conseguimos ligeiramente associar as expressões “números tristes” e “sonho vazio” ao *Eclesiastes* bíblico, por serem estes os seus termos-chaves. A expressão “tristes números” rejeitados no poema de Longfellow pode ser uma referência aos deprimentes capítulos e versículos do *Eclesiastes*, que por diversas vezes afirma que nada vale a pena, pois tudo é passageiro e no final todos irão morrer independentemente do que tenham feito, como diz em um de seus capítulos: “Mas, se o homem viver muitos anos e em todos eles se alegrar, também se deve lembrar dos dias de trevas, porque não de ser muitos. Tudo o que acontece é vaidade” (Ec 11, 8 – grifos nossos). O termo vaidade, por sua vez, aparece no livro de *Eclesiastes* 35 vezes, utilizada no sentido de “vazio”, para referir-se à vida como uma sucessão de fatos vazios de sentido, apenas uma passagem para a vida eterna, mais uma vez contrastando com a resposta do jovem o qual recusa-se a aceitar que a vida é um mero devaneio.

Até o momento temos visto apenas contraposições entre estas duas obras, porém, exclusivamente na terceira linha da primeira estrofe do poema de Longfellow,

que diz; “Pois a alma que dorme está morta” (Longfellow, 1868, 3) elas parecem concordar, pois assim como na opinião do jovem, quando uma alma negligência os prazeres da vida e veemente não a aproveita, já está morta. Similarmente, o narrador bíblico também afirma que uma criança que nasce morta tem mais sorte do que um homem que vivendo por muitos anos não tenha aproveitado a vida, ao dizer que: “Se o homem gerar cem filhos e viver muitos anos, e se sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver um enterro, digo que um aborto é melhor do que ele” (Ec 6,3). Então, neste ponto ambas as obras consentem que não desfrutar da vida é o mesmo que já ter morrido, mas ainda não ter sido enterrado. Todavia, na última linha da primeira estrofe eles voltam a se contradizer quando o jovem diz: “e as coisas não são o que parecem” (Longfellow 1868, 4). Podemos entender este dito ainda como descrédito às convicções descritas em *Eclesiastes*, principalmente em seu último capítulo quando o narrador diz: “Procurou o pregador achar palavras agradáveis; e o escrito é a retidão, palavras de verdade.” (Ec 12,10). Pois como sabemos, a Bíblia serve-se da linguagem proclamativa, caracterizada pela sua intensidade e tom verossímil, a fim de inserir os leitores nas questões nela abordadas (FRY 2004, p. 62). Contudo, o jovem se recusa a aceitar uma receita pronta da vida com bases na perspectiva de outrem.

Em seguida, temos a segunda estrofe do poema na qual o jovem continua defendendo o conceito de vida adotado por ele, de que a vida é cheia de significância e deve ser vivida intensamente, e que além disso, o motivo de estarmos vivos não é simplesmente ter que morrer um dia. Ele declara: “A vida é real, a vida é séria! E o túmulo não é o seu objetivo.” (Longfellow 1868, 5-6). Isto mais uma vez vai contra os princípios do narrador de *Eclesiastes*, pois para ele a vida resume-se a uma ilusão, porque o mundo continua o mesmo, enquanto as pessoas nascem e se vão sem ter ciência do que acontece após a sua morte (Ec 1,2), e que triunfar na vida ou não é como correr atrás do vento, visto que o final de tudo é a morte, como pode ser observado no excerto bíblico a seguir:

porque nunca haverá mais lembrança do sábio do que do tolo; porquanto de tudo nos dias futuros, total esquecimento haverá E como morre o sábio, assim morre o tolo! Pelo que aborreci esta vida, porque a obra que se faz debaixo do sol me era penosa; sim, tudo é vaidade e aflição de espírito (ECLESIASTES, 2, 16;17).

Ainda na segunda estrofe do salmo de Longfellow, encontra-se a mais perceptível referência bíblica evocada em seu poema: “Pó és e pó voltarás a ser, não foram palavras ditas à alma” (Longfellow 1868, 7-8). Como temos visto, “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (FIORIN, 2010, p. 30). Dessa forma, a expressão “do pó viestes, ao pó retornarás”, é mencionada por várias vezes na Bíblia Sagrada, sendo duas delas no livro de *Eclesiastes* (3, 19: 12, 7), referindo-se não só ao criacionismo, mas também para ilustrar que, na visão cristã, a humanidade é frágil, dependente do seu criador e que são poucos os seus dias de vida na terra, porém um dia todas as almas terão seus atos julgados por seu criador, a fim de alcançar a vida ou a condenação eterna. No entanto, sob a perspectiva de *Eclesiastes* (12 1-14), as pessoas devem preocupar-se em agradar ao seu criador nessa vida, “porque Deus há de trazer a juízo toda obra e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau” (12,14). Enquanto que em “Um Salmo de Vida”, a passagem bíblica é retomada para trazer um novo sentido, explicando que o fato de o corpo ser perecível é justamente a razão pela qual a vida vale a pena e

devemos agir para sermos cada dia melhores, como veremos mais adiante em outros trechos do poema.

O eu lírico inicia a sua terceira estrofe da seguinte forma: “Nem prazer, nem tristeza, é o nosso fim ou caminho destinado; mas agir, que cada amanhã nos encontre mais longe do que hoje” (Longfellow, 1868, 9-10). Como podemos ver, de acordo com este trecho, as passageiras emoções não são os objetivos da vida, mas buscar ser melhor a cada dia. Em contrapartida, para o narrador de Eclesiastes o que homem tem a fazer é trabalhar e gozar do seu trabalho como forma de recompensa pelo seu esforço debaixo do sol: “Eis aqui o que eu vi, uma boa e bela coisa: comer e beber, e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, em todos os dias da sua vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção” (Ec 5, 18). Podemos observar ainda nas próximas estrofes do Salmo de Longfellow que na concepção do jovem, na medida em que temos muitas metas e sonhos a realizar, o nosso tempo diminui e não espera por nada: “A arte é longa, e o tempo passa, e nossos corações, embora fortes e valentes, ainda, como tambores abafados, estão batendo marchas fúnebres para o túmulo” (Longfellow, 1868, 11-12). Esta estrofe traz à tona a importância do tempo fugaz que temos, semelhantemente, o narrador de Eclesiastes também nos leva a refletir, porém de forma realista, sobre a brevidade da vida ao dizer que o dia da morte é melhor que o dia do nascimento: “Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, porque ali se vê o fim de todos os homens; e os vivos o aplicam ao seu coração” (Ec 7,2).

A partir do entendimento de Bakhtin (1981, p. 118) de que “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa[...]”, é possível compreender o seguinte trecho do poema de Longfellow como uma resposta ao pensamento protestante de submissão às autoridades divinas e terrenas registrado em Eclesiastes, como podemos observar: “No amplo campo de batalha do mundo, no acampamento da Vida, não seja como o gado mudo e conduzido! Seja um herói na luta!” (Longfellow, 1868 13-14). Ou seja, o eu lírico aconselha seus ouvintes a pensarem por si, não como um gado que apenas segue ordens sem questionamentos, assim como assevera o narrador bíblico que se os seus leitores apenas obedecerem às suas autoridades, tudo ocorrerá bem e que estas podem fazer o que lhe aprouver, mesmo assim não devem ser questionadas: “Eu digo: observa o mandamento do rei, e isso em consideração para com o juramento de Deus [...] Porque a palavra do rei tem poder, e quem lhe dirá: Que fazes?” (Ec 8, 2;3).

Enquanto isso, o eu lírico continua o seu discurso alertando seus ouvintes sobre duas coisas muito importantes: não confiar no futuro, nem se apegar ao passado. A sexta estrofe do poema diz: “Não confie no futuro, porém agradável! Deixe o passado morto enterrar seus mortos! Aja - aja no Presente vivo! Coração por dentro e Deus por cima!” (Longfellow, 1868, 15-16). Como Silva (2016) defende que “pela natureza plurissignificativa dos textos literários, sempre será possível encontrar nestes, teologia explícita ou latente” (p. 13), acreditamos que essa referência ao futuro pode ser associada ao paraíso pregado pelo cristianismo, também citado em Eclesiastes, o qual igualmente adverte seus leitores a aproveitar a juventude, mas não esquecendo que há uma vida futura que os aguarda e que seus atos determinarão seus destinos (Ec 11,9). Porém, o narrador bíblico também se refere ao futuro terreno, alegando o quanto é decepcionante ter que morrer e deixar todas as suas conquistas para trás não sabendo por quem serão administradas;

Também eu aborreci todo o meu trabalho, em que trabalhei debaixo do sol, visto como eu havia de deixá-lo ao homem que viesse depois de mim. E quem

sabe se será sábio ou tolo? Contudo, ele se assenhoreará de todo o meu trabalho em que trabalhei e em que me houve sabiamente debaixo do sol; também isso é vaidade (ECLESIASTES, 2,18;19).

Percebemos então que enquanto o jovem que se contrapõe aos ensinamentos do Salmista está determinado a agir no presente certo das boas consequências que sobrevirão, o narrador de *Eclesiastes* mostra-se ansioso em relação ao futuro. Como podemos ver nas seguintes estrofes onde o jovem defende que há pessoas do passado que nos inspiram ainda hoje, então, nada nos impede de sermos também uma influência positiva para muitos que virão depois de nós:

Todas as vidas de grandes homens nos lembram que podemos tornar nossas vidas sublimes, e, partindo, deixar atrás de nós pegadas nas areias do tempo; pegadas, que talvez outro, navegando sobre o principal solene da vida, um irmão desamparado e naufrago, vendo, tomará ânimo novamente (Longfellow, 1868, 17-24).

Na medida que o Salmo de Longfellow motiva seus leitores a se esforçarem a fim de que seus trabalhos aqui vivam imortalmente como “pegadas nas areias do tempo”, o narrador de *Eclesiastes* é pessimista acerca do futuro, alegando que ninguém sabe o que vai acontecer no amanhã, muito menos depois do dia da sua morte (Ec 10,14), e por fim, nada do que fizemos enquanto vivos terá valido a pena, pois os mortos serão completamente esquecidos: “Porque nunca haverá mais lembrança do sábio do que do tolo; porquanto de tudo nos dias futuros total esquecimento haverá. E como morre o sábio, assim morre o tolo.” (Ec 2,16). Já o poema é concluído convidando seus leitores a agirem sem esmorecer independentemente do que se suceder: “Vamos, então, estar de pé e agindo, com um coração voltado para qualquer destino; ainda alcançando, ainda perseguindo, aprenda a trabalhar e a esperar” (Longfellow, 1868, 25-28). Em contrapartida, o narrador bíblico também nos adverte a fazer tudo com excelência, mas sempre com um tom tenebroso, lembrando que no mundo dos mortos não há mais nada a fazer; “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma” (Ec 9,10).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer desta pesquisa analisamos o poema “Um Salmo de Vida”, de Longfellow, e o livro de *Eclesiastes*, da Bíblia, sob uma perspectiva dialógica, a fim de explorar os pontos em que as respectivas obras se encontram. Para isso, nos baseamos tanto nos estudos da intertextualidade, como nas pesquisas de Magalhães (2008) e Silva (2016) sobre a Bíblia e a literatura. Como referido, a intertextualidade aponta para o sujeito constituído socialmente nas falas de outrem, o mesmo vale para os textos, pois são formados a partir de leituras prévias do autor e de seu conhecimento de mundo, o que faz com que os textos dialoguem entre si. Não obstante, as pesquisas de Magalhães mostram a intertextualidade entre a Bíblia e outras obras da literatura ocidental, sabendo disso, pudemos então alcançar o nosso objetivo. Para esse fim, analisamos primeiramente as características dos Salmos bíblicos e do Salmo, de Longfellow, então foi possível entender que ambos são textos que possuem um teor sábio, observamos que o estilo poético presente no texto Bíblico é o paralelismo, comum na literatura Hebraica, enquanto Longfellow faz uso da anáfora para enfatizar a mensagem transmitida em seu poema. Por fim, conseguimos identificar o poema “Um Salmo de Vida” como uma possível resposta aos

ensinamentos do livro de Eclesiastes, primeiramente porque o Salmo de Longfellow rejeita que a vida é apenas um sonho vazio, que é importante agir no presente, ser influente e memorável, ao passo que o narrador Bíblico chama atenção do leitor para um ponto fundamental e fatalista: a morte, a certeza da morte. Além disso, a frase corrente do livro de Eclesiastes é: “ vaidade de vaidades, tudo é vaidade”.

Diante dos diversos textos comentados, podemos entender que a interpretação e compreensão de um texto está profundamente ligada ao conhecimento prévio do leitor, pois de acordo com a definição de intertextualidade, há sempre um texto inserido em outro texto. Além disso, também vimos que a literatura ocidental está repleta de temas, personagens e tramas semelhantes às narrativas bíblicas. Dessa forma, devido a nossa familiaridade com o texto religioso conseguimos facilmente identificar elementos do poema que remetem ao livro de Eclesiastes. Como pudemos observar, primeiramente, ambos discorrem sobre o mesmo tema, a brevidade da vida. Em seguida percebemos o contraste entre as duas obras, porque enquanto o poema apresenta o tema com otimismo, o livro bíblico o faz com um tom realista, e percebemos as intertextualidades bíblicas tanto explícitas quanto subentendidas presentes no poema.

Consideramos, finalmente, que esta análise traz uma outra leitura entre as diversas interpretações possíveis do poema, pois este pode ser interpretado por um leitor que não conhece o texto bíblico, a partir de outras leituras e experiências trazendo uma visão diferente sobre o poema. Portanto, a execução desta análise é de grande valia no campo acadêmico, tanto para o nosso próprio desempenho, quanto para contribuição em futuras pesquisas na área, envolvendo o tema da intertextualidade e também dos aspectos literários da Bíblia Sagrada compreendendo-a como obra basilar da literatura ocidental. Considerando os resultados obtidos nesta pesquisa, sugerimos um estudo futuro do poema “Um Salmo de Vida” em relação ao livro de *Salmos da Bíblia*, analisando detalhadamente a estrutura e o tema abordado nas respectivas obras.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: FU, 1981. p.162

BAZERMAN, C. **Escrita, Gênero e Interação Social**. Org. HOFFNAGEL, J. C. e DIONÍSIO, A. P. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: Outros conceitos-chave. São Paulo: Edusp, 2010

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: A bíblia e a literatura**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2004.

GABEL, Jhon; Weeler, Charles. **A bíblia como literatura: Uma introdução**. 2ª edição. 2003

GESUELI, Zilda Maria. **Linguagem e surdez: questões de identidade**. Porsinal. Horizontes, v. 26, n.2, p. 63-72, 2008. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=13&idart=28>. Acesso em: 19 fev. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAGALHÃES, Antônio. **A bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia**. In: Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia. Belém, UEPA; UEPB, 2008.

MOREIRA, Tarsilo Soares. **Os salmos na NTLH: Uma análise de equivalência dinâmica aplicada à poesia hebraica**. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em língua hebraica. São Paulo, 2013.

SILVA, Eli Brandão. **Literatura e religião tecidas na metáfora**. Plural pluriel. 2016. Disponível em: <https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/50>. Acesso em: 19 fev. 2022.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de Israel por seu amor e misericórdia, por me sustentar até aqui e permitir a realização do meu sonho de infância.

À minha mãe, Grinaura, por me instruir, aconselhar e me guiar, sendo a maior incentivadora dos meus sonhos, sempre torcendo e orando por mim. Ao meu pai, Edvan, pela compreensão, pelas noites mal dormidas e todo esforço em prol dessa grande conquista desde quando tudo isso era apenas um sonho distante. Ao meu irmão, Alesson, por sempre cuidar de mim, consertar meu notebook e emprestar o seu quando o meu não tinha mais solução. A minha irmã, Sarinha, por ser tão carinhosa comigo e enxugar as minhas lágrimas.

Aos meus tios e primos (de sangue e consideração) que se dispuseram a me ajudar, me dando suporte sempre que precisei e, principalmente, por se alegrarem ao me ajudar na construção do meu desejo. À minha avó, dona Biu (*In Memoriam*), que acompanhou parte do processo, e já se orgulhava de mim mesmo antes da concretização desse sonho.

Ao professor Giovane por ser tão paciente e dedicado, por acreditar no meu projeto, me acolher e não desistir de mim. Também aos Professores Celso e Carolinne pelo interesse e disponibilidade em contribuir para melhoria desta pesquisa.

A todos os meus professores que direta ou indiretamente, investiram em mim, em especial, Tia Mônica (minha primeira professora), Célia Rejane (apaixonada pela educação), Fábio Cardoso (meu professor de inglês do ensino fundamental e médio), Paulo Alberto (primeiro professor que conheci na graduação, o inesquecível *teacherzão* da massa!) Thiago Almeida (que primeiro me apresentou as intertextualidades bíblicas presentes na literatura inglesa) e Fernanda Floriano (mulher que exala o amor de Cristo por onde passa).

Aos meus colegas da universidade, por todos os nossos momentos de alegria e também pelos dias difíceis que enfrentamos juntos para chegar até aqui: José, Jude, Rejane, Dayane, Bruna, Eduardo Rogério e André (*In Memoriam*).

Aos meus amigos de oração que sempre me apoiaram, choraram comigo e intercederam por mim: Isaque, Klebson, Márcia, Vitória e as mulheres de oração da minha igreja.

À Dona Fátima por me incentivar, se alegrar com a minha conquista e por, desde a minha infância, instigar em mim o interesse pela literatura.

À Deus seja toda glória!